

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16721 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 25 - GE Corpo e Educação

Corpo-Rio: Pedagogia em Fluxos (Eco)Dialógicos

Pedro José de Freitas Zirolto - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

CORPO-RIO: PEDAGOGIA EM FLUXOS (ECO)DIALÓGICOS

RESUMO: Sinto existir uma pedagogia que, como o rio vive o movimento e o encontro nas beiras, portanto, uma pedagogia ribeira. Uma pesquisa: Corpo-rio. Uma pergunta: É possível viver uma pedagogia em fluxos (eco)dialógicos, inspirada na relação corpo-rio? Espero que essa pesquisa em fluxos dê conta, de se(me) apresentar, através de uma escrita (auto)ficcional: Dissolvida em inúmeros contos sobre um conhecido, mas, imprevisível corpo-rio, ou; Revelada nos segredos (co)vividos entre uma criança e um rio, testemunhados e inventados num ensopado diário. Apresento a escrita de si, dos encontros, dos trânsitos, do cotidiano, da memória e por isso do tempo-espaço vividos, por fim, do corpo-escrita como metodologia, um diário como diálogo, assim como a vida. Este diário em fluxo tem a intenção de enunciar e atuar sobre o que nós, educadores e artistas das margens vivemos na relação com os nossos pequenos e valiosos rios, sejam eles crianças, jovens, adultos ou de águas doces, através das nossas teatralidades, dos nossos espetáculos minúsculos. Escrevo-vivo este conto-pesquisa, como proposta de pesquisa em Educação pela via da poética e do discurso teatral, que se dá pelas escolhas de uma escrita autoficcional e pela presença de um corpo-memória vivido por mim: Pesquisador-artista-educador-personagem.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia (Eco)Dialógica. Autoficção. Educação Ribeirinha. Investigação Poética. Corpo-Memória.

Ao iniciar esta pesquisa, me deparo (ainda) com um lugar (a ciência) que parece desconsiderar a beleza do encontro, desvalorizar os saberes populares, ignorar as memórias, as linguagens, a arte do povo, seus gestos e expressões, a sensibilidade, os seres “não humanos” e supervalorizar os “avanços” do capitalismo e do cientificismo cartesiano, os quais incentivam a produção (massiva) de pesquisas que se mantenham neutras e objetivas na identificação de leis gerais que sirvam à previsão e ao controle, mesmo na educação. Nesse mesmo sentido, “a visão de mundo naturalista, o pragmatismo, o utilitarismo e o positivismo criam uma seriedade monótona e cinzenta” (Bakhtin, 2017, p. 34) distanciando cada vez mais as investigações das experiências vividas, com isso, se nega e “não pode captar os detalhes, as pequenezas, sentir e se aventurar pelos caminhos, ainda que dê conta de ver e perceber, do alto, outras coisas” (Guedes e Ribeiro, 2019, p. 16).

Então, como realizar uma pesquisa, a partir de uma metodologia que conflua com o meu modo de criar, educar, pesquisar-viver? Como (re)inventar uma metodologia capaz de me fazer entrar no jogo dialógico com enunciados e espetáculos considerados tão minúsculos? Tais como o afeto, as expressões e as aprendizagens entre os humanos e os não humanos, entre as crianças e o rio que passa atrás de casa e da minha escola?

Ainda estou a mergulhar, aliás...

Sinto existir uma pedagogia que, como o rio vive o movimento e o encontro nas beiras, portanto, uma pedagogia ribeira. Uma pesquisa: **Corpo-rio**. Uma pergunta: **É possível viver uma pedagogia em fluxos (eco)dialógicos, inspirada na relação corpo-rio?** Ser com o rio, ser rio, viver a poesia do rio, dançar os seus movimentos e encenar as suas teatralidades são as minhas embarcações, digo investigações. Não é sobre o corpo e o rio que se trata essa pesquisa, outrossim, sobre o entre, a beira, o encontro entre nós que inventa um corpo-rio e com ele, todas as (des)educações e criações possíveis. Na contramão do pensamento dito “civilizatório”, confirmado pelas premissas a serviço da evolução científica que afirma, além da dicotomia corpo e mente a divisão natureza-humanidade existe a chance de renovar os sentidos das nossas epistemologias e *práxis* para nos permitir ser rio ou mar. (A)mar.

Esta pesquisa está comprometida com uma pedagogia que recuperem (a pesquisa e a pedagogia) essa aliança e esse sentimento de estar em casa, já que “tudo é natureza” (Krenak, 2020, p. 17). Nesse processo quem protagoniza? O corpo ou o rio? O encontro: **A ribeira**. Eu, as lavadeiras, os pescadores, os meninos e meninas com seus barcos de papel, corpos que dançam cruzando a cidade rasgando o chão como um rio, aprendemos que as nossas teatralidades na relação com as águas visíveis e invisíveis são oportunidades de compreender a vida em seu ato.

Na relação com o meu povoado e as minhas paisagens, me aproximei dos nossos enunciados diáRios e deixei que eles me contassem sobre como construir um pesquisador-ribeiro no ato de uma pesquisa-ribeira.

Cauteloso, posso responder que: *Essa pesquisa em fluxos dê conta, de se(me) apresentar, através de uma escrita (auto)ficcional: Dissolvida em inúmeros contos sobre um conhecido, mas, imprevisível corpo-rio, ou; Revelada nos segredos (co)vividos entre uma criança e um rio, testemunhados e inventados num ensopado diáRio.*

Apresento a escrita de si, dos encontros, dos trânsitos, do cotidiano, da memória e por isso do tempo-espço vividos, por fim, do corpo-escrita como metodologia. DiáRio como diálogo, assim como a vida.

Este diáRio em fluxo tem a intenção de enunciar e atuar sobre o que nós, educadores e artistas das margens vivemos na relação com os nossos pequenos e valiosos rios, sejam eles crianças, jovens, adultos ou de águas doces, através das nossas teatralidades, dos nossos espetáculos minúsculos. Aqui:

O Espetáculo perde seu lugar de ator principal, dando lugar a outras discursividades, ou seja, assumindo, também, aquelas situações nas quais o espetáculo não seja o fim concretizado de um processo. Isso significa que o próprio processo (aulas, treinamentos, ensaios, diários de anotações, protocolos) contém textualidades merecedoras de análise [...] (Gonçalves, 2014, p. 272)

Neste sentido, no trânsito dialógico entre arte e vida (Bakhtin, 2003), natureza (Krenak, 2020), teatralidade (Gonçalves, 2014), autoficção (Noronha, 2014), escrevo-vivo este conto-tese ou/e diário/tese, como proposta de pesquisa em Educação pela via da poética e do discurso teatral (Gonçalves, 2022), que se dá pelas escolhas de uma escrita autoficcional e pela presença de um corpo-memória vivido por mim: Pesquisador-artista-educador-personagem.

“Corpo-rio”, traz para a discussão as minhas experiências vividas durante o próprio processo de pesquisa-escrita e, que podem configurar uma possível pedagogia cênica em perspectiva (eco)dialógica.

A finalidade desta investigação não é transcrever relatos, de outro modo, venho criando, entre os cruzamentos de vozes que povoam o acontecimento aqui “co-vivido”, uma nova realidade (baseada nas utopias e distopias recentes e atuais), pois, o real, só pode ser acessado pelo caminho da ficção, aqui, autoficção.

Posso seguir (me) reinventando ares e esperando novos palcos, escolas, dramaturgias, histórias, espetáculos, cotidianos...: Arte e Vida.

Essas duas realizadas são afetadas, mutuamente, enquanto se realizam, ou seja, no/ato da criação cria-se: o autor e a obra. Com efeito, convidarei para a escritura desse “contodíario” (e também desse pesquisador-educador-artista) três personagens, portanto, teremos um texto rabiscado à três mãos (a minha, da criança e do rio) que transformarão em possíveis obras estéticas e atos éticos: As vivências, lembranças, discussões, emoções, manifestos, denúncias, epistemologias, métodos e projeções escritas-vividas por um pesquisador-educador-artista.

Essa forma de escrita está intimamente ligada ao cotidiano, por isso foi escolhida como “matéria de poesia” (Barros, 2019) e de pesquisa, para compreender e defender uma pedagogia da cena que se desenha na beira, a partir da relação com as águas que me atravessam, como uma tentativa de dar sentido às experiências, pensamentos, sensações, imagens, devaneios, pedidos e desabafos de algum momento presente. Apesar, das características adjetivarem sua forma subjetiva e íntima, o texto “diário” não perde em nenhum momento, sua relação com o tempo, o espaço e o outro, uma vez que, “os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” (Bakhtin/Volóchinov, 2014, p. 34).

Esse trilha de vestígios sobre os acontecimentos, não tem pretensão de pontuar, classificar ou findar possíveis discussões. Está, ao contrário, comprometido com o

inacabamento, próprio da experiência do aqui-agora e da alteridade, disposto à transformação em cada nova palavra, parágrafo, página, dia, encontro. Como na relação efêmera entre o artista e os seus processos de criação. Como uma obra estética?

Contudo, será possível um menino e um rio realizarem juntos uma pesquisa? E sobre o que eles atreveriam nos contar? Como descreveriam as suas ciências? O que nos ensinariam as suas andanças? É o que venho (re)descobrir...

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre a literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. (do russo) Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARROS, Manoel de. **Matéria de poesia**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 9a Ed. – São Paulo: Contexto, 2017.

GUEDES, Adriane Ogêda; RIBEIRO, Tiago. **Pesquisa, alteridade e experiência: Metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

GONÇALVES, Jean Carlos. **Circo Negro: o discurso teatral em perspectiva dialógica**. In: BRAIT, B; MAGALHAES, A. S. (org.). Dialogismo: teoria e(em) prática. São Paulo: Terracota Editora, 2014, p. 267-279.

GONÇALVES, Jean Carlos; Gonçalves, Michelle Bocchi. **Teatralidade e Performance na pesquisa em Educação: do corpo e da escrita em perspectiva discursiva**. Educar em Revista da Universidade Federal do Paraná, v. 34, n. 67, p. 139-155, jan./fev. 2018. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/56081> . Acesso em 01 de março de 2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaios sobre a autoficção**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16a ed. São Paulo: Hucitec, 2014.